

PARA ENTRAR EM 2017 COM O PÉ DIREITO

O INÍCIO DE UM NOVO ANO SEMPRE GERA EXPECTATIVAS POSITIVAS, MAS É NECESSÁRIO PLANEJAMENTO PARA QUE ELAS SE CONCRETIZEM

Embora dados da FecomercioSP mostrem que a confiança tanto de empresários quanto de consumidores já sinalize um certo otimismo, convém ingressar em 2017 com a lição de casa em dia.

Em linhas gerais, a expectativa é de que a retomada do crescimento econômico do País somente se dará com os aumentos do emprego e da renda, a queda dos juros e a convergência da inflação para a meta. Ou seja, dependerá da melhoria dos indicadores antecedentes de consumo. Assim, o planejamento estratégico da empresa deverá levar em conta a redução de custos e a otimização de todos os processos.

O planejamento financeiro é fundamental. Assim como ocorre com a pessoa física, o início de ano concentra uma série de pagamentos que devem ser efetuados pelas em-

presas. Por exemplo, se a companhia dispõe de veículos para transporte de mercadorias, ela deverá pagar o IPVA. É necessário se programar, de forma a ter caixa para efetuar os respectivos pagamentos, evitando atraso nas contas ou a entrada em um eventual endividamento bancário.

O planejamento estratégico-financeiro deve considerar incertezas econômicas e políticas que podem ocorrer e traçar metas, que precisam ser acompanhadas e ajustadas de acordo com as necessidades da empresa, bem como contar com o engajamento de todos.

Estratégia importante para o varejo, as liquidações de início de ano devem ser contempladas no planejamento, levando em conta a análise crítica das mercadorias em estoque e a manutenção do fluxo de caixa equilibrado. [E]



pág. **02** BANCOS

Segundo estudo, 28% dos brasileiros não são correntistas



pág. **03** RETROSPECTIVA

Uma lista de acontecimentos improváveis marcou 2016



pág. **04** INFRAESTRUTURA

Investimento no setor está longe dos ideais 4% do PIB



SEM CARTÃO NEM TALÃO DE CHEQUES

MAIS DE UM TERÇO DOS BRASILEIROS NÃO UTILIZA CONTAS BANCÁRIAS, SEGUNDO ESTUDO DO BANCO CENTRAL

Estudo feito pelo Banco Central, intitulado “Cidadania Financeira”, apontou que 28% dos brasileiros não utilizaram contas bancárias em 2015 [veja tabela 1]. A estimativa é de que esse percentual represente aproximadamente 43,9 milhões de pessoas. O levantamento foi realizado com 2,5 mil pessoas maiores de 15 anos, com o objetivo de retratar a percepção dos brasileiros em relação aos serviços financeiros.

A maior parte dessa parcela da população que está fora do sistema bancário está nas regiões Norte e Centro-Oeste (21,2%), seguidas por Nordeste (18,8%), Sudeste (14,3%) e Sul (13,6%). A incidência é maior no sexo feminino (18,6%) que no masculino (14,3%). Na localização do domicílio, a maioria reside na zona rural (25,7%, contra 15,8% na área urbana). Para completar o perfil, o maior contingente dos sem conta bancária possui renda de até dois salários mínimos (25,5%), está na faixa etária entre 18 e 25 anos (29,1%) e é analfabeto (28,1%).

O estudo também aponta os principais motivos pelos quais essa população está à margem do sistema bancário. O principal deles, sinalizado por 43% dos pesquisados, é não ter dinheiro suficiente [veja tabela 2].

Os resultados do estudo do Banco Central contribuem para o aperfeiçoamento do sistema financeiro brasileiro. Isso porque, com base na identificação daqueles brasileiros que ainda estão excluídos do sistema



financeiro, é possível criar alternativas para a sua inserção.

Vale ressaltar que o maior acesso dos brasileiros ao sistema financeiro é importante para a economia do País como um todo. Tal inclusão beneficia a geração de poupança, o que pode aumentar os níveis de investimento na economia.

Para o empresário do comércio, o acesso à rede bancária é de extrema importância para a viabilização de financiamentos, uma vez que a renda do consumidor é insuficiente para o nível de consumo desejado. A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor da FecomercioSP (PEIC) aponta que, em média, 50% das fa-

mílias estão endividadadas. Para esse público, a principal modalidade de financiamento é o cartão de crédito (70%), seguido pelo crédito pessoal (15%).

No entanto, para que mais pessoas possam utilizar o sistema financeiro, é necessário que os bancos ofereçam produtos e serviços que sejam adequados à necessidade desses brasileiros – principalmente daqueles de menor renda apontados no estudo.

Enfim, os resultados registrados pelo estudo do Banco Central ajudam a compreender melhor a relação dos brasileiros com o sistema financeiro e, talvez, a identificar estratégias para atrair as pessoas que ainda estão excluídas do sistema financeiro. [6]

TABELA 1 – BRASILEIROS QUE NÃO UTILIZAM CONTA BANCÁRIA

Nunca tiveram conta	16,5%
Tiveram ou têm conta, mas não utilizaram nos últimos seis meses	11,5%
Total de brasileiros sem conta ativa	28,0%

TABELA 2 – PRINCIPAL MOTIVO PARA NÃO UTILIZAR CONTA BANCÁRIA

Não tenho dinheiro suficiente	43%
Não tenho necessidade	20%
Não tenho interesse	18%
Quando preciso, uso a conta de outra pessoa	7%

Fonte: Banco Central do Brasil | Elaboração: Della Rosa Consultores Associados

ACONTECIMENTOS QUE MARCARAM 2016

O ANO QUE PASSOU ENTRARÁ PARA A HISTÓRIA COM UMA IMPRESSIONANTE LISTA DE FATOS IMPROVÁVEIS



Ao fim de 2015, quem previu muitos dos acontecimentos que marcaram 2016 teria sido alvo de ironias e gozações. A lista inclui fatos que pegaram muita gente de surpresa:

- Desgaste político da presidente Dilma;
- Manifestações de rua com recorde de participação;
- Lula vira ministro por três dias;
- Vazamento de gravações da Lava Jato;
- Brexit (população aprova saída do Reino Unido da União Europeia);
- Aprovação do impeachment da presidente Dilma;
- Lava Jato e juiz Sérgio Moro se tornam referências nacionais;

- Eleição da Prefeitura de São Paulo decidida em primeiro turno;
- Donald Trump é eleito presidente dos Estados Unidos.

Em grande parte dos casos, mais especificamente aqueles ligados aos resultados políticos, a mídia especializada foi pega de surpresa. São exemplos o Brexit e as eleições em São Paulo e de Trump nos Estados Unidos. Essa “surpresa” levanta uma preocupação: como manter o consumidor e o empresário informados adequadamente? Será que em 2017 seremos igualmente surpreendidos tantas vezes assim? Para não correr esse risco, convém que empresários e consumido-

res busquem novas fontes de informações. De preferência, mais de uma.

O ano de 2016 foi atípico, e dificilmente esses fenômenos se repetem. A tendência é que 2017 seja menos emocionante e pareça monótono se comparado ao passado recente. Como ponto positivo, essa monotonia tende a ser boa para o desenvolvimento econômico.

Vale lembrar que em 2016 teve início o processo de reformas que deve ser concluído ao longo deste ano (pelo menos as principais). Surpresa será falhar em reformas importantes como a da previdência e a trabalhista. Sem essa surpresa, o País terá tudo para crescer de forma robusta em 2018. [6]



Mais do que uma fonte de informação, um novo olhar para os seus negócios.

Para ser empreendedor, é preciso disposição para acordar cedo, abrir as portas e olhar para todos os detalhes do negócio, além de atenção à evolução do mercado.

O papel da FecomercioSP é dar apoio aos sonhos de quem ajuda a construir o nosso País. Para isso, produzimos e publicamos artigos e estudos sobre economia, sustentabilidade, legislação, negócios, e-commerce, tecnologia, capacitação, educação e cultura.

Todo esse conteúdo está disponível no Portal FecomercioSP, que lhe permite acessar, de forma mais simples e intuitiva, a informação que ajudará a manter o seu estabelecimento em crescimento.

Visite o portal em www.fecomercio.com.br, acesse o nosso conteúdo e aproveite para adquirir hoje um novo olhar para os seus negócios.

Final, amanhã estaremos abertos.

& www.fecomercio.com.br

INDEFINIÇÕES IMPEDEM O AVANÇO

O INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA NO PAÍS ESTÁ DISTANTE DA TAXA DE 4% DO PIB, CONSIDERADA IDEAL

Não há como esquecer a obstinada busca pelo crescimento econômico que marcou a ação governamental dos últimos anos. Diante das previsões que já sinalizavam uma crise em gestação, é impossível não lembrar da permanência de uma razoável distância entre a intenção e a consumação desse objetivo, dado que seu alcance está condicionado à expansão da infraestrutura, que depende de maciços investimentos.

Desencontros e falhas têm ocorrido na política e na economia, expondo deficiências e vulnerabilidades em meio a problemas estruturais e conjunturais. A começar pelas baixas capacidades financeira e de gestão do setor público, insuficientes para levar adiante um projeto de envergadura. Isso é o que justifica um programa de concessões ao setor privado, que deveria ser contínuo e célere, mas que não tem conseguido avançar.

É sabido que há entraves de toda a ordem nos caminhos da infraestrutura, bastando ver os problemas e gargalos presentes em rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, saneamento, energia etc. Situação que explica com clareza o contínuo espaço ocupado na mídia por matérias tratando das concessões (ou privatizações) setoriais, suas legislações, questões regulatórias, licitações, leilões e por aí vai. Mas há algo mais surpreendente e até intrigante nesse cardápio de valiosas informações, desconhecido do grande público.

São informações e números valiosos sobre importantes variáveis que refletem a real situação da infraestrutura no País, como é o caso dos investimentos. Aliás,



oportuna a matéria recente do jornal *O Globo*, baseada em levantamentos realizados por organismos e empresas especializadas, dando uma clara ideia nesse campo. A empresa de consultoria Inter.B projeta queda acumulada nos investimentos do setor em 2015/2016 da ordem de R\$ 25,4 bilhões, um resultado que preocupa e lança perspectivas pouco animadoras, indicando o hiato entre os investimentos esperados e as necessidades brasileiras.

O cenário para a infraestrutura ganha maior apreensão e incertezas quando a pro-

jeção dos investimentos públicos e privados realizados em 2016 nesse setor aponta o valor de R\$ 105,6 bilhões. Trata-se de um montante desolador, que indica uma queda anual de 14,6% em comparação a 2015. Pior ainda: representa o menor nível (1,7%) em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) desde 2003. Ou seja, o investimento está bastante distante das taxas consideradas ideais, em torno dos 4% do PIB.

Com a crise fiscal e a economia em recessão, num ambiente de indefinições e incertezas, no curto prazo parece pouco provável a retomada dos investimentos em infraestrutura, que envolvem expressivos recursos e maturação em prazos mais longos. Sua materialização, portanto, fica na dependência da melhoria das regras e condições oferecidas pelo governo nas concessões, com muita transparência. Sem isso, não se reverterão a desconfiança e o desalento hoje observados no setor privado, que espera por avanços, por estabilidade e por segurança no ambiente de negócios.

Enquanto isso, nada ou pouco deverá se alterar no comportamento do empresário privado com os investimentos em infraestrutura patinando. Ampliar e dar maior eficiência a rodovias, portos, ferrovias, energia e telecomunicações são condições essenciais ao sistema produtivo. Sem elas, efeitos negativos continuarão sobre a economia e os mercados, afetando empresas, que precisam melhorar sua eficiência e ganhar produtividade, ampliando os custos e os riscos de perda de qualidade nos serviços prestados à população e frustrando expectativas e necessidades de usuários e consumidores. [E]



Senac Sesc FECOMERCIO SP

Aqui tem a força do comércio

PUBLICAÇÃO DA FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO

PRESIDENTE ABRAM SZAJMAN • SUPERINTENDENTE ANTONIO CARLOS BORGES • COLABORAÇÃO ASSESSORIA TÉCNICA • COORDENAÇÃO EDITORIAL E PRODUÇÃO TUTU • DIRETOR DE CONTEÚDO ANDRÉ ROCHA • EDITORA IRACY PAULINA • FALE COM A GENTE PUBLICACOES@FECOMERCIO.COM.BR RUA DOUTOR PLÍNIO BARRETO, 285 • BELA VISTA • 01313-020 • SÃO PAULO - SP • www.fecomercio.com.br